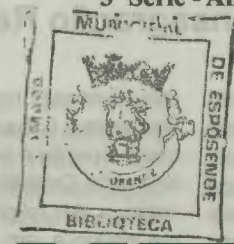


Maio-Junho 2006

3ª Série - Ano XXIX - nº 213



VOZ de ANTAS



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

Ser Família cristã, hoje - 5 O SERVIÇO À VIDA

Iniciamos neste número de Voz de Antas algumas reflexões sobre uma das dimensões mais importantes da família e também aquela mais posta em causa actualmente: **o serviço à vida**.

1. Como foi evidenciado noutros números de Voz de Antas, a família cristã constitui-se tendo como núcleo um homem e uma mulher que se amam, desejam viver esse amor em comum e vê-lo reconhecido e protegido pela sociedade. A Bíblia exprime esta compreensão originária no Livro do Génesis, dizendo: «O homem deixará seu pai e sua mãe, para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne». Dois fazem um só, sem perderem a sua identidade. A todos os títulos, este núcleo que se constitui pelo casamento identifica não apenas a família cristã, mas o ideal da família humana. Tudo o mais que se possa dizer ou fazer, constitui uma decadência desta condição original...

2. Esta unidade de dois num só é, por si mesma, aberta à geração de mais vida: os filhos. Por isso, a validade do sacramento do matrimónio é posta em causa se algum dos noivos for para o matrimónio recusando ter filhos. O projecto familiar encontra, pois, nos filhos a sua realização plena e mais perfeita. Isto não significa que casais impedidos de ter filhos por motivos de saúde não sejam plenamente família nem possam ser plenamente felizes deverão é encontrar modos de ultrapassar essa limitação, seja através da adopção, seja vivendo espiritualmente a dimensão da paternidade e da maternidade através do serviço individual ou comunitário aos outros, sobretudo aos mais necessitados. Neste campo, o progresso da ciência abriu novas possibilidades aos casais infértis, ajudando muitos a gerar filhos e a realizar, assim, a dimensão de serviço à vida inscrita no mais íntimo do seu projecto familiar.

3. Ao mesmo tempo, porém, as possibilidades abertas pela ciência criam problemas morais muito sérios, sobretudo quando se confunde a *capacidade* de fazer com o *direito* de fazer - o *pode-se* com o *deve-se*. A chamada «procriação medicamente assistida» e as leis que as sociedades criam para a reger constituem, assim, uma área na qual as questões éticas e morais se colcam todos os dias. Urge, pois, formar a consciência, para fazer opções moralmente dignas do ser humano e respeitadoras da verdade original da pessoa e da família. Também aqui, espera-se das famílias cristãs que sejam capazes de estar ao serviço da vida, protegendo-a desde os seus começos e não se deixando manipular ou seduzir pelo mais fácil, pelo mais gratificante ou pelo que aparece como mais moderno.

Elias Couto

IRMÃ INÊS

50 Anos de Consagração Religiosa

A irmã Inês, Religiosa do Sagrado Coração de Maria, celebrou no passado dia 13 de Abril, Quinta-feira santa, as Bodas de Ouro de Vida Religiosa. Um acontecimento que reuniu na nossa igreja a comunidade paroquial, que com ela quis celebrar a Eucaristia de Acção de Graças. A irmã Inês renovou o seu compromisso de religiosa nessa celebração, que foi animada pelo Grupo Coral e teve a participação de quase todos os sacerdotes naturais de S. Paio d'Antas.

A irmã Inês, de seu nome de baptismo Maria Emília Lourenço Faria da Cruz, é filha de Domingos Alves da Cruz e de Felisminda Lourenço Faria, que também tinha uma irmã religiosa, em S. José de Cluny.

É ela que conta o surgimento da sua vocação, e o itinerário percorrido ao longo destes 74 anos de Vida (nasceu a 19 de Janeiro de 1932) e 50 de vida religiosa.

Continua na pág. 2

IN MEMORIAM Albino Alves de Faria

Tombou inesperadamente, a 11 de Fevereiro, um dos homens que, pela sua conduta e acção, pelo que foi e pelo que fez, temos o dever de apontar como exemplo às gerações futuras.

Albino Alves de Faria, terceiro dos oito filhos de Manuel Alves da Cruz, da Azenha, e de Florinda Alves de Faria, nasceu no lugar do Monte a 16 de Abril de 1918. Pela parte paterna descendia de Minantes e Tenentes, de Antas, e, pela materna, de Gaios, de Belinho, e de

Continua na pág. 2

CASA DA MÚSICA Inauguração

Pelas 15,30 horas da tarde do dia 10 de Dezembro, sob um radioso e acariciador sol de fim de Outono, aglomeravam-se na rua de Alvre, em frente às modelares instalações da nova Casa da Música, centenas de pessoas.

A Banda de Música estava a postos e logo que o sr. presidente da Câmara Municipal de Esposende se reuniu às restantes autoridades locais, religiosas e civis, executou o Hino Nacional, ouvido em profundo e respeitoso silêncio, enquanto a Ban-

Continua na pág. 3

IRMÃ INÊS

50 Anos de Consagração Religiosa

Continua na pág. 1

"Aos 20 anos senti o primeiro chamamento do Senhor, que me bateu á porta. Estávamos, imaginem, numa Festa de Nossa Senhora da Saúde, nas Marinhas, que a gente do meu tempo bem conhecia! Fazia o sermão o senhor Padre Olavo, de saudosa memória, que me orientou nos tempos que se seguiam. Tínhamos, uma vez por outra, um dia de retiro no Seminário da Silva, outras vezes em Abade do Neiva, numa casa que a senhora disponibilizou para esse fim. Íamos um grupinho de amigas que conheciam o senhor Padre Olavo, mas dessas amigas só fiquei eu.

No verão de 1953, fui fazer um retiro no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Rua de D. Pedro V, em Braga. Durante o retiro escrevi uma carta ao meu pai a pedir licença para ficar no colégio e ele respondeu-me que sim. As irmãs ficaram muito contentes e eu também. Vim a casa buscar as minhas coisas e lá voltei ao colégio. Acompanhavam-me o meu pai e o tio Manuel do Eduardo, amigo do meu pai, custava-lhe, ao deixar-me voltar sozinho para casa. No colégio foram muito bem recebidos e passaram o dia comigo e com as irmãs numa grande quinta que lá havia. É bom que saibam

que, na nossa Congregação, não vínhamos a Casa nem que morresse o pai ou a mãe. Entretanto deu-se o Concílio Vaticano II e, então, a vida religiosa abriu mais um pouco e, em 1962, quando fui para África, já vim três dias a casa, despedir-me dos meus pais e dos meus irmãos.

Em 2 de Julho de 1962 fiz os meus votos perpétuos e, nesse ano, perto de Dezembro, fui para África. Passei o meu primeiro natal já na missão de Pebane, diocese de Quelimane, em Moçambique. Em Pebane trabalhei seis anos num semi-internato de meninas. Em 1969/70 vim de férias e voltei para África. Estive três anos num lar universitário em Lourenço Marques, actual Maputo. Depois fui para a missão de Mualama, também na diocese de Quelimane. Foi aí que passei o dia da Independência de Moçambique, em 1975, já com o Frelimo, actual governo. Entretanto começou a guerra e as coisas foram piorando... Aí trabalhei dez anos como auxiliar de Enfermagem no Posto de Saúde da Missão. O posto era da Missão, mas, aos poucos, o governo foi tomando conta de tudo. Até podem imaginar, nós, as irmãs, a trabalharmos no hospital, escoltados pelos soldados da Frelimo e, quando íamos para as catequeses ou trabalhos da missão, eles iam sempre dois ou três conosco, no jipe. Até nos entendíamos bem, mas quando a Renamo, partido oposto, começou a apertar o cerco, foi para nós pior e então resolvemos abandonar a missão e eu regresssei definitivamente a Portugal em 1985. Nessa altura os meus pais estavam velhos e já mereciam algum apoio meu. Cá fiquei e sou muito feliz. Nesse ano vim para o Colégio do Porto e em 1992 para Lisboa onde agora estou. Vinte e dois anos em África e o resto por aqui. Foi tudo muito bom!

A irmã Inês a Paróquia agradece o testemunho que nos dá com a sua vida de dedicação e serviço aos outros, em Moçambique e em Portugal, e deseja-lhe muitos anos de vida na mesma fidelidade à sua vocação de consagrada.

IN MEMORIAM

Albino Alves de Faria

Continua na pág. 1

Farias, de Forjães. Frequentou em Forjães, terra da naturalidade de sua mãe, a instrução primária que concluiu no final do ano lectivo de 1931-2.

Cedo começou a dedicar-se à profissão de moleiro em várias azenhas (Calça e Gaio, em Forjães, Minante, Engenhos e Quinta, em Antas) e a que cresceu, ocasionalmente, a de jardineiro na quinta de Curvos, propriedade de seu tio-avô António Rodrigues de Faria. Quando seu tio Domingos da Azenha contratou com uma firma de Vale de Cambra a resinagem dos pinhais a norte do rio Neiva, dedicou-se à tarefa de resineiro até que foi chamado a cumprir o serviço militar onde, por sua opção, foi incorporado na Marinha no ano de 1939, precisamente aquele em que teve início a 2.ª Grande Guerra.

Decidido a fazer carreira neste ramo das Forças Armadas em tão difícil época, viajou em navios de guerra por todas as possessões portuguesas em missões de soberania, com destaque para as de Angola e Moçambique de 1943 a 1946, e as de Macau e Timor, de 1947 a 1951. Promovido ao posto de Cabo Artilheiro com a especialidade de Telemetrista, viria a ser condecorado com a Medalha de Comportamento Exemplar e a receber um Louvor pelos bons serviços prestados quando o navio, de cuja tripulação fazia parte, foi atingido por um violento tufão no mar de Macau.

Estava destacado em Apúlia, na Estação Aero-Naval, Rádio-Telegráfica e Rádio-Goniométrica, quando contraiu matrimónio com D. Vígínia Maltês Torres, em 19 de Janeiro de 1952.

Vítima de uma trombose por 1960, quando se encontrava em Damão, recebeu os primeiros tratamentos hospitalares em Lourenço Marques a que se seguiu a recuperação na Metrópole. Viria, contudo, a ser reformado por invalidez.

Foi a partir de então, quando definitivamente se instalou no lugar de Guilheta e após frequentar um Curso de Cristandade, que se dedicou de alma e coração ao progresso da sua terra natal. Chamado a colaborar em várias frentes, tanto em actividades

cívicas como religiosas, não regateou tempo nem trabalho. Eleito em Novembro de 1963 para a Junta de freguesia, viria a tomar posse como secretário em 3 de Janeiro de 1964, cargo que ocupou sucessivamente por três mandatos consecutivos até final de 1972. Ao mesmo tempo fez parte da direcção da Banda de Música. Foi, ainda, 1.º secretário da Assembleia de Freguesia no mandato iniciado em 1980.

Exerceu frequentemente a função de Louvado, nomeadamente em acções de partilhas, sendo também solicitado a dar o seu parecer como Avaliador, sobretudo pelos Tribunais de Esposende e Viana.

Os párocos tiveram nele um colaborador activo, quer como membro da Fabriqueira, do Apostolado da Oração e da Associação do Coração de Jesus, quer como tesoureiro e coordenador da distribuição do jornal "Voz de Antas", cujos números colecionava com o máximo carinho.

O Sr. Albino Alves de Faria deixa ainda uma marca indelével no aumento e aformoseamento do adro da capela de Santa Tecla, tarefa a que se dedicou com entusiasmo e para a qual aliciou outros conterrâneos devotos da santa, com os resultados que naquele aprazível recinto se podem admirar.

Até ao fim dos seus dias, e na medida das suas possibilidades físicas, nunca deixou de estar presente tanto nos actos religiosos como nos momentos mais importantes e significativos da vida da freguesia. Decano dos marinheiros do concelho de Esposende, era uma presença constante nos seus encontros anuais.

Com um doloroso sentimento de perda, mas também de saudade e de gratidão, apresenta "Voz de Antas" as mais sentidas condolências a sua desolada esposa, aos irmãos e cunhada, aos muitos sobrinhos e restante família.

Sirva o seu exemplo de disponibilidade para contagiar futuras dedicações ao bem comum.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRECTOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDACÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Gonçalo Fernandes
Telefs. 253871438 /253871887

DEPÓSITO LEGAL
N.º 1886184

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO-Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6 - Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.web.pt - tipoprado@mail.telepac.pt

CASA DA MÚSICA

Inauguração

Continua na pág. 1

deira Nacional era hasteada, ladeada pelas da Freguesia e da Banda. Terminada a prolongada salva de palmas com que foi aplaudido este primeiro acto, ouviu-se de seguida, ainda no exterior, a marcha "Paixão dos Músicos d'Antas" da autoria do maestro Valdemar Sequeira.

Já no átrio da Casa da Música, o sr. reitor, P.º Manuel de Brito Ferreira, tomou a palavra e, dirigindo-se aos presentes, lembrou que a Igreja sempre acarinhou e promoveu a cultura, e por isso era com alegria que iria proceder à benção do edifício, fazendo votos pelo seu bom uso e melhor aproveitamento dos alunos nas novas instalações da sua escola.

Realizada a cerimónia religiosa da benção, sob uma entusiasmada salva de palmas e uma estrondosa girândola de foguetes foi descerrada a placa alusiva à inauguração pelo sr. presidente da Câmara, João Cepa, ladeado pelo sr. presidente da Junta, Vítor Faria, e pelo sr. presidente da Associação Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende - Antas, António Cruz.

Seguiu-se uma visita ao 1.º andar, onde passará a funcionar a escola de música, apetrechada com nove salas de dimensões diversas. Satisfeita a curiosidade dos visitantes, que pelo elevado número dificilmente se movimentavam nas escadas e nos corredores de acesso às salas, passaram estes para o amplo e magnífico auditório onde se levariam a efeito os restantes números do programa. As 130 cadeiras revelaram-se insuficientes para acolher tão elevado número de convidados, pelo que outros tantos dos presentes tiveram que permanecer de pé nas coxias e átrio.

Constituída a mesa, que tinha ao centro o presidente da Câmara, ladeado à sua

direita pelo dr. Manuel Arezes e António Cruz, aquele em representação do presidente da Assembleia Municipal, e à sua esquerda por Vítor Faria e maestro Valdemar Sequeira, deu-se início a uma série de discursos iniciada pelo presidente da Banda.

Visivelmente emocionado, António Cruz congratulou-se com o povo de Antas pela inauguração da Casa da Música e agradeceu a todas as entidades presentes o apoio moral e financeiro que recebe, principalmente do presidente da Câmara, da Junta e do autor do projecto. Pôs em relevo o trabalho de outras direcções da Banda, nomeadamente da última presidida pelo sr. Alcino Neiva, a quem se devia, em primeira mão, a construção destas instalações. Lembrou o fundador da Banda, Manuel Rodrigues Laranjeira, e lamentou apenas que, malgrado a sua insistência junto do presidente da Câmara, não tivesse sido possível recheiar as salas de aula e o auditório com a mobília indispensável para o seu funcionamento, pois toda a que se via era emprestada para este acto solene. Terminou apelando para a generosidade dos antenses, tantas vezes demonstrada noutras ocasiões e para outros nobres fins.

Falou de seguida Vítor Faria para lembrar que, tendo este edifício sido construído sobre os alicerces da anterior sede da Junta de Freguesia, à freguesia de Antas pertencia. A Casa da Música não seria propriedade de nenhuma associação em particular, estaria aberta a todas as agremiações da freguesia que dela precisassem para manifestações culturais. Recusou qualquer mérito pessoal e atribuiu-o exclusivamente aos promotores e realizadores do projecto, o anterior e o actual presidentes da direcção da Banda, Alcino Neiva e António Cruz.

Terminou João Cepa a série de discursos, enfatizando ser esta a primeira inauguração

a que presidia depois das últimas eleições autárquicas e que pusera todo o seu empenho na concretização não só desta obra como de outras por todo o concelho, que enumerou. Lamentou certas críticas de que foi alvo, verberou a falta de verbas para o próximo ano, do que culpou o governo central, mas prometeu futuras concretizações no campo social, nomeadamente para Antas. Quanto à mobília, mau grado a persistência de António Cruz, seria de todo impossível satisfazer os desejos da direcção da banda...

Seguiu-se um concerto pela Orquestra de Sopros da Escola de Música, superiormente regida por Valdemar Sequeira. Os pequenos executantes e promissores músicos interpretaram brilhantemente três peças: "The North Face", de Jay Boccok, "Contrasto Grosso", de Jacob de Haan, e "One Moment in Time", de John Bettis.

Após um curto intervalo, entrou no palco a Banda de Música, logo saudada com palmas pelos presentes. Valdemar Sequeira, em brevíssimas palavras, informou que iria ser apresentada pela primeira vez a marcha de sua autoria intitulada "Casa da Música de Antas", que dedicou ao sr. presidente da Câmara e cuja partitura lhe ofereceu. Executada excelentemente esta marcha, levantou-se a assistência para prestar de pé ao maestro e aos músicos uma frenética ovação. Seguiram-se, precedidas de breve apresentação pelo maestro, as peças "Consuelo Císcar" (Pasodoble de concerto), de Ferrer Ferran, "El Caminho Real" (Fantasia latina), de Alfred Reed, e "Retalhos do Minho" (Rapsódia), de Valdemar Sequeira, todas fortemente aplaudidas.

Executada a última rapsódia, o maestro convidou Alfredo Viana Meira Torres para dirigir a banda numa última marcha.

Emocionado pelo convite e incitado pelos aplausos do público, o contra-mestre da banda acedeu reger a peça "Pela Lei e Pela Graça", de Luís Cardoso, com a qual terminou este memorável e muito aplaudido concerto e se deram por encerradas as cerimónias da inauguração. Era já noite quando o público começou a abandonar a Casa da Música e se fecharam as suas portas.

Promovido pela Direcção da Banda, seguiu-se depois o tradicional jantar anual no restaurante Reguenga, onde, em alegre e animado convívio, foram servidas cerca de 350 refeições. À sobremesa, nova série de discursos, destacando-se as intervenções de Manuel A. Meira da Cruz, de António Cruz e de João Cepa.

Para além das personalidades já referidas, de fotógrafos e correspondentes da imprensa periódica, estiveram presentes o arq. José Gomes Fernandes, autor do projecto, a dra. Maria Emília Vilarinho, vereadora da cultura da C. M. E., o prof. Agostinho Teixeira, presidente dos B. V. E., o dr. Emílio Costa, presidente da Federação de Bandas do Minho, o dr. Manuel Albino Penteador Neiva, ex-vereador da cultura da C. M. E., Juvenal Campos, comandante dos B. V. E., o rev. Manuel Domingos Sampaio Viana, etc., etc.

Está de parabéns a direcção da Banda pela concretização de um sonho acalentado desde a sua fundação e que encheria de orgulho o seu fundador, Manuel Rodrigues Laranjeira, de saudosa memória. É de esperar que no auditório se multipliquem os eventos, nomeadamente musicais mas não só, para que esta Casa da Música seja um órgão vivo e propicie ao povo de Antas o acesso a mais e melhor cultura.

Raul Saleiro

DONATIVOS PARA A CASA DA PAZ

Desde o último número da Voz de Antas, recebemos os seguintes donativos para as obras dos espaços envolventes à Casa da Paz:

Nome	Morada	Euros	Escudos
Maria Pires e Filhos, em memória e sufrágio de Manuel Fernandes de Sá	Estrada	300 €	60.145\$00
Maria Augusta Rolo da Costa, em sufrágio e memória de seu marido	Monte	250 €	50.121\$00
Arlindo Azevedo Torres Neiva	Guilheta	50 €	10.024\$00
Anónima	Azevedo	50 €	10.024\$00
Alguém, em sufrágio e memória de sua mãe	Azevedo	100 €	20.048\$00
Alguém da Rua da Aldeia	Monte	100 €	20.048\$00
Casal Anónimo	Monte	100 €	20.048\$00
Anónima	Monte	50 €	10.024\$00
Armando Pires Vieira	Guilheta	500 €	100.241\$00
Pascoal Laranjeira, em sufrágio de sua mãe Elvira Pires Laranjeira	Azevedo	100 €	20.048\$00
Maria Elvira em sufrágio dos seus familiares	Belinho	1.400 €	280.675\$00
Alguém de Belinho, em sufrágio de seus familiares / suas intenções	Belinho	80 €	16.039\$00
António da Cruz Ferreira e Irene, em sufrágio das almas de seus pais, irmãos e António Carnoto	Monte	100 €	20.048\$00
Manuel da Silva Arezes e Maria	Estrada	100 €	20.048\$00
Domingos da Silva Salgueiro e Antonieta	Monte	100 €	20.048\$00
António Vieira Simões e Fátima	Belinho	20 €	4.010\$00
Manuel Martins de Abreu	Estrada	150 €	30.072\$00
Casal Anónimo	Azevedo	250 €	50.121\$00
Anónima	Belinho	51,94 €	10.413\$00
Casal Anónimo	Pereira	260 €	52.125\$00
Manuel Azevedo Viana, em sufrágio e memória de Cândida da Costa Azevedo			

Continua no próximo número

FÁTIMA JOVEM 2006 - "CRISTO, LUZ DO MEU CAMINHO"

No passado dia 6 e 7 de Maio realizou-se o encontro nacional de jovens, em Fátima, cujo tema foi "Cristo, luz do meu caminho". Neste sentido o grupo de jovens "Esperança" quis marcar presença à semelhança de anos anteriores. Participaram no encontro nacional cerca de dez mil jovens, dos quais 28 da nossa paróquia.

À dirigirmos os nossos passos para Fátima para nos consagrarmos com Nossa Senhora, pretendemos reafirmar o nosso compromisso de protagonistas num mundo mais humano, mais humanizado, mais santo, porque acreditamos na Mensagem universal de Jesus Cristo.

Foi com esta convicção profunda que procuramos ir além de qualquer temática motivadora dos nossos propósitos, isto é, queremos que Cristo seja mais do que luz do nosso caminho, comprometendo-nos no "altar do mundo" para que essa luz o seja em todos os nossos caminhos.

Na cova da Iria fizemos também silêncio, que nos permitiu, de maneira particular perscrutar o coração das nossas mães, no dia da mãe.



CATEQUESE

Depois de vivermos a Quaresma e o período pascal estamos no início do mês de Maio. Como habitualmente os grupos de catequese, durante este mês, orientarão, semanalmente, a recitação do terço, celebrarão o dia da mãe e no último Sábado de Maio a festa da Ave - Maria .

Mais uma vez apelamos aos pais que participem com seus filhos nestas celebrações para que o exemplo, mais que as palavras, dê seus frutos.

Durante o mês de Junho os diferentes anos de catequese terão as festas próprias de cada um, antecedidas de reuniões de pais para que sejam devidamente preparadas e vividas. Todos os pais devem participar nas referidas reuniões e festas que obedecerão aos seguintes calendários:

Calendário das reuniões de pais

Ano	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
Dia	27 de Maio	3 de Junho	27 de Maio	3 de Junho	3 de Junho	3 de Junho	3 de Junho	27 de Maio	27 de Maio	27 de Maio
Hora	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas	21 horas

Calendário das festas de final de ano

Ano	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
Dia	10 de Junho	17 de Junho	15 de Junho	18 de Junho	18 de Junho	25 de Junho	24 de Junho	18 de Junho	3 de Junho	24 de Junho
Festa	Pai Nosso	Festa do Perdão	1ª comunhão	Festa da Palavra	Festa da fé	Profissão de fé	Festa das Bem aventuranças	Festa da vida	Festa do espírito	Crisma

Também durante o mês de Maio estarão abertas as inscrições para o primeiro ano de catequese. Os interessados deverão dirigir-se à sacristia, pedir uma ficha e inscrição e entregá-la depois de devidamente preenchida. Podem inscrever-se todas as crianças que tenham seis anos ou os façam até 31 de Dezembro.

BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS

Foi no passado dia 2 de Abril que regressaram à Igreja Paroquial de S. Paio de Antas, Isabel Sampaio e Manuel Augusto Ledo, acompanhados pela sua família e amigos para celebrar as bodas de prata.

Emanados do mesmo espírito daquele Sábado primaveril de 28 de Março de 1981, este casal não quis deixar de assinalar a data e de recordar que a vida deve ser repleta de dedicações, entrega, inter ajuda e fidelidade.

No sentido de agradecer a Deus que abençoou o seu enlace e com ele todos os seus projectos sonhos e desígnios esta cerimónia foi uma fonte de novos propósitos. Foi um momento de festa, louvor e agradecimento.

Esta etapa cumpriu-se e com ele um hino de louvor á vida e á felicidade conjugal.



CELEBRAÇÕES MATRIMONIAIS

Rodeados de familiares e amigos, contraíram matrimónio, no passado dia 29 de Abril, na Igreja Matriz de Vila Nova de Anha, Cassiano Neiva Viana, filho de Manuel Fernandes da Cruz Viana e Clara da Cruz Neiva, natural de Angola e residente em S. Paio de Antas, com 47 anos de idade, e Virgínia das Dores Dias Maciel, filha de Domingos Rodrigues Maciel e Maria Dias de Brito Neiva, natural de Vila Nova de Anha, de 38 anos.

A celebração matrimonial foi presidida pelo Padre António Sá (tio do noivo), e concelebrada pelo Pároco de Vila Nova de Anha, P.e. Dr. Alípio Lima, pelo Padre Manuel de Brito Ferreira, Reitor da paróquia de S. Paio de Antas, e pelo Padre Domingos Neiva (tio do noivo). O Coro Infantil de Antas abrilhantou a cerimónia com belos cânticos que a todos encantaram.

Apadrinharam o enlace matrimonial Mário Neiva Viana e Margarida Maria Ferreira Barbosa e Henrique Domingos Dias Maciel e Elizabete Sá Almeida Maciel.

Nas palavras que dirigiu aos novos esposos, o Padre António Sá começou por referir o quão difícil é, nos dias que correm, a vida a dois. Aludindo ao crescente número de divórcios registados, considerou que, à primeira dificuldade, os casais optam, geralmente, pela separação, alertando, deste modo, o casal para as dificuldades inerentes à vida matrimonial. "Não separe o Homem o que Deus uniu", venceu.

Em jeito de conselho, sublinhou a necessidade da compreensão e respeito mútuos, lembrando que todo o ser humano tem virtudes e defeitos, defendendo que as qualidades devem ser valorizadas e as imperfeições corrigidas.

Terminou desejando felicidades aos noivos para a nova vida que escolheram, agora unidos pelo laços do Sagrado Matrimónio.

Nas mãos de Deus...

CÁNDIDA DA COSTA AZEVEDO

No lugar da Pereira, com a idade de 67 anos, faleceu, quase insperadamente, Cândida da Costa Azevedo, Casada com



Manuel Azevedo, mãe de 7 filhos. Contava 9 netos. Era filha de António Alves Azevedo e de Olinda Rodrigues Costa. Muito simples e de vivência cristã. Toda a sua vida consistiu em lides caseiras e afazeres domésticos. Que Deus a tenha na sua Glória.

ARMANDO DE ALMEIDA TORRES NEIVA.

Nasceu a 09 de Janeiro de 1929, era natural de freguesia de Antas, filho de Domingos Gonçalves Neiva e de Maria Vaz de Almeida Torres. Casado com Umbelina Dias Pereira, celebrou as suas Bodas de Ouro Matrimoniais a 22 de Novembro de 2003, com os seus familiares e amigos mais próximos. Deste matrimónio nasceram 5 filhos: Manuel, Augusto, Avelino, Joaquim e Lúcia.



Depois de concluída a instrução primária, logo iniciou a luta pela vida, pois eram tempos difíceis, mas apesar disso, nada o impediu de sempre cumprir e ensinar aos seus filhos e também aos seus dez netos, as obrigações perante a Santa Igreja.

Pessoa simples, humilde, com um coração de ouro, muito honesto e sempre pronto a ajudar o próximo. Em 17 de Janeiro de 1973, o seu tio Manuel Gonçalves Neiva, mais conhecido pelo Tio Carriço, confiou na sua honestidade e fez dele seu herdeiro universal. A vontade do seu tio era que distribuisse os bens que tinha recebido por determinadas pessoas e assim o fez. Cumpriu escrupulosamente a sua última vontade.

Deus quis chama-lo para junto dele no passado dia 22 de Fevereiro do corrente ano. A família agradece às entidades religiosas, civis e a todos os que se manifestaram, o grande apoio e carinho que demonstraram.

Que o senhor o acolha no Reino da sua Glória.

ARLINDO ALMEIDA TORRES NEIVA

Faleceu aos 79 anos de idade. Era filho de Domingos Gonçalves Neiva e de Maria Vaz de Almeida Torres. Estava casado há 56 anos com Maria Augusta Rolo da Costa e dessa união nasceram 12 filhos, que por sua vez lhes deram 23 netos e 5 bisnetos. Era um grande avô, sempre carinhoso para os filhos e netos. Era um homem bondoso e amigo. Vamos ter muitas saudades do meu avozinho querido, será sempre recordado pelos seus familiares e amigos. Agradeço a todas as pessoas que estiveram connosco neste momento difícil de dor.



Que Deus lhe dê a sua recompensa.

Raquel Veloso.

MORREU A FIDALGA... MORREU A FIFALGA...

Foi assim que a notícia se espalhou, de casa em casa, naquela manhã triste de 19 de Junho de 1906, uma terça-feira. Não foi surpresa para ninguém, toda a gente receava a má nova, mais dia, menos dia.

D. Inácia Clara Máxima da Cunha Sottomayor de Faria e Silva, a Fidalga da Quinta, estava muito doente desde há meses. Com efeito, a 7 de Abril, partira para o Porto “acompanhada de toda a família, a fim de consultar os médicos dali, pois se achava adoentada com manifestos sintomas de icterícia”. Logo piorou de tal forma que, por telegrama, foi pedida a comparência do P.º António Martins Ledo para lhe administrar a extrema-unção. Um mês depois chegavam do Porto notícias de que teria “conseguido razoáveis melhoras da dolorosa enfermidade que ali a teve em perigo de vida”. A 3 de Junho, acompanhada pela família e pelos médicos Armindo de Faria e Tiago de Almeida, regressou do Porto, de comboio até Viana e de automóvel de Viana até à sua casa, onde era esperada pelos padres Bento, reitor, Ledo, coadjutor, e João José de Barros, da Paia. Ela, que “durante a viagem, quer no caminho-de-ferro quer em automóvel, passara sem acidente algum, antes dava esperanças de sensíveis melhoras, voltou nos dias seguintes a cair em prostração e abatimento”.

Os médicos, impotentes, tinham baixado os braços. O Sr. Reitor pedira ao povo ora-

ções pelo seu restabelecimento e o P.º Ledo acompanhara-a até ao último suspiro, exalado às 7 horas da manhã. Aos 54 anos de idade, a ilustre Fidalga deixava, inconsoláveis, seu marido o Exmo. Sr. Dr. José Bernardino de Abreu Gouveia, e as duas filhas, ainda solteiras, D. Maria Adelaide e D. Maria Cândida.

Para o solar da Quinta, onde o corpo ficou em câmara ardente amortalhado em hábito de Nossa Senhora do Carmo, acorreu em peso a gente de S. Paio de Antas e muita das freguesias vizinhas. A espaços, iam chegando não só parentes e amigos de todo o Minho, representantes da mais nobre fidalguia, mas também as autoridades de Esposende, Viana, Barcelos e Braga. As vastas salas e os jardins da Casa de Belinho eram acanhados para tanta gente que lhe vinha prestar as últimas homenagens.

Dois dias depois, debaixo de intenso calor, em enorme cortejo orientado pelo P.º Ledo, seguiu a urna para a igreja paroquial pela estrada recentemente aberta mas ainda mal acabada, da capela da Senhora dos Remédios até ao fundo do adro. Organizaram-se três turnos de acompanhantes notáveis, para segurarem as borlas do caixão, um da Quinta à capela dos Remédios, outro até à de S. João, e o último até à igreja. Esta, para cuja remodelação tanto ela como sua mãe tanto haviam contribuído, estava esmeradamente decorada de crepes pelo armador de Mazaré. As cerimónias fúnebres, a que assistiram 50 eclesiásticos, foram presididas pelo Sr. Reitor,

P.º Bento, acolitado pelos padres José Pereira da Costa Lima, abade de Belinho, e José Martins, abade de Castelo de Neiva. “Já de noite, voltou o féretro da igreja para a capela particular da Quinta de Belinho onde foi depositado junto dos de seus pais. Ainda nesta derradeira homenagem de pesar foi acompanhada pela família dorida e mais amigos íntimos até à última morada”.

D. Inácia Clara Máxima nasceu no palácio de Belo Monte, na freguesia de S. Nicolau, Porto, a 30 de Dezembro de 1851, filha de Gonçalo Pacheco Pereira Pamplona da Cunha Sottomayor Faria Rebelo e de D. Maria Antónia Adelaide Pereira Caldas de Barros da Cunha Sottomayor. Era neta paterna de Pedro da Cunha Sottomayor Faria Rebelo, natural de Viana, e de D. Clara Máxima Pacheco Pamplona, natural da freguesia da Vitória, Porto, e materna do General António de Barros Teixeira Lobo de Barbosa, da vila de Sabrosa, e de D. Inácia Delfina Cândida Pereira Caldas de Castro Bacelar e Vasconcelos, de Viana. Recebeu no baptismo, realizado na igreja de S. Nicolau a 4 de Fevereiro seguinte, os nomes próprios das duas avós e foi apadrinhada pelo tio materno Gonçalo Pereira Caldas de Barros e pela avó materna, D. Inácia.

Aos 6 anos de idade, acompanhada de seus pais e do padrinho, partiu para Londres onde iniciou a sua instrução escolar. Viria a casar em S. Paio de Antas, a 4 de Fevereiro de 1883, com o ilustre advogado Dr. José Bernardino de Abreu e Gouveia, natural da casa de Gomie, freguesia de Ribafeita, concelho de Mangualde. Tanto

seus pais quanto ela própria e seu marido concorreram mag-nanimamente para a remodelação da velha igreja paroquial e para o progresso e prestígio da freguesia. Foram seus pais quem mandou erguer, em substituição do antigo, o actual solar da Quinta, com os jardins e altos muros que a circundam, a estrada que liga os portões da Casa à actual estrada nacional, quem mandou fornecer da sua Quinta de Tintureiros, em Cinfães, a madeira para o tecto da igreja paroquial, etc. Foram ela e seu marido quem pôs à disposição do P.º Bento as vastas matas das suas propriedades para a conclusão da 2.ª fase das obras da igreja. A eles se deve também, na maior parte, o fidalgo acolhimento ao Rev. mº Arcebispo Primaz, D. Manuel Baptista da Cunha, aquando da 1.ª visita pastoral à nossa freguesia em 1904. Às suas duas filhas, D. Maria Adelaide e D. Maria Cândida, que tantos de nós ainda conheceram e lembram com amargurada saudade, e que vinham a casar com os irmãos e célebres escritores António e João Correia de Oliveira, devemos a abnegada caridade, o conforto espiritual e material tantas vezes prodigalizado, e o tão saudável orgulho de vermos continuada entre nós tão Ilustre Família.

Nota: As referências aos últimos dias da saudosa Fidalga foram colhidas do jornal “O Povo Espozendense”, n.ºs 803, 809, 810 e 813, de Abril a Junho de 1906.

Raul Saleiro

AO "PADRE CARAMALHO", NOS 200 ANOS DO SEU NASCIMENTO

É já no próximo dia 3 de Junho que se perfazem dois séculos depois que, no então denominado lugar da Aldeia, este agora lembrado sacerdote viu a luz do dia. Não se repetirá, aqui, a história da sua vida e obra. Quem a quiser recordar poderá relê-la de páginas 496 a 498 em "S. Paio de Antas – Sua História, Sua Gente".

Sempre me intrigou a figura do P.º José Joaquim Afonso. Tio paterno e padrinho de baptismo de meu avô, que dele herdou entre outras coisas o honrado nome, era por vezes reverentemente referenciado em conversas de família por meu pai, que não chegou a conhecê-lo. Era para mim, criança, uma figura mítica. Mais intrigado fiquei quando, adolescente, fui encontrar em "Marrucho Mentideiro", um livro de Manuel de Boaventura, este curioso conto que nem toda a gente conhece e que aqui se reproduz em homenagem tanto ao P.º José Joaquim Afonso como ao autor.

O estudante Caramalho matou uma feiticeira...

– Conte lá uma das suas...

O Marrucho corria todos os serões – hoje na Aldeia-de-Riba, onde morava, amanhã na residência do abade que se pelava para o ouvir, ou na Aldeia-de-Baixo onde lhe sobejavam amigos e admiradores. Dizia-se:

– Quê! O ti Marrucho! Há lá home mais sabido!

A verdade é que, chegando ele ao serão, arrumava-se o baralho e acabava o bailarico.

– Ti Marruchinho! Conte a das feiticeiras...

Fazia-se rogado:

– Já não sei mais nada: quanto sabia, quanto contei.

– Sabe, sabe: conte aquela, que sucedeu em S. Paio, ao esfudante dos Caramalhos...

– Home! Já vos contei isso.

Mas as moças eram as mais curiosas:

– Nós não ouvimos; conte como foi...

Puxava da birra do tabaco em pó, batia-a com vagares na palma da mão e aspirava, com deleite, duas pitadas. Depois concentrava-se uns momentos a fitar o brasido, e...

– Vamos a ver se me alembro!

Lá saía a história:

– O moço dos Caramalhos andava em Braga a estudar p'ra padre e já estava quase na idade de cantar missa, seus vinte feitos. Ora numa ocasião foi à caça p'rò Castro, e no regresso, à tardinha, passou pela Quinta dos Fidalgos. Aquilo é gente boa e franca! Convidaram-no p'ra ceiar. Ceia não ceia, palestra e mais conversa, cerca tem mão, – quando acabou a seroadada era meia-noite. Vê-lo aí vai, por aqueles caminhos engulhosos a raspilhar os sapatos, refastelado de boa ceia mas um nadinha fatigado de romariar pelas madrigueiras do monte, com o propósito de ir dormir o resto da noite.

– Esse era o que não acreditava em feiticeiras?

– Pois era! Bazofiava que não tinha medo, que lhe aparecessem quando quisessem, que cerca tem mão, mas ides ver.

Outra birra de tabaco e continuou:

– Aos tropeções nas pedras – o vinho dos Fidalgos é de três assobios! – lá foi indo. Havia um selisco de luar, e o moço dos latins notou uma sombra de abantesma a voejar ao de riba dele. "Mau! Que denalho era aquilo?" Logo lhe veio à imaginação que seriam as feiticeiras e começaram as pernas a entorpecer e um friul de neve a correr-lhe pelo espinhaço da suã. – "Espera que eu vos arranjo" – disse o estudante. Meteu a arma à cara, mirou a sombra que o perseguia e – pumba! – lá vai disto! Lá vai disto mas foi a perdição dele. Sentiu ali perto cair, de rebolão, a modos dum saco de azeitona que fez – pooh! – e logo ouviu um alarido levado de mil diabos, que vinha de longe, pelo ar... Pernas para que vos quero, o amigo estudante não levou um credo a chegar a casa.

– Então não foi ver o que era? – perguntaram as moças.

– Credinho! De noite não se descogita o que passa: pode ser coisa ruim, e o diabo é de tendas... Pisgou-se, é o que é, porque tinha ouvido dizer serem aquelas andurrinhas achacadas a coisa ruim. Mas os padres do Seminário meteram-lhe em cabeça "que não havia feiticeiras" e ele acreditou; mas teve de se convencer que as havia... Aquilo, lá p'ra ele, seria algum desses passarocos que andam de noite; deu o tiro e matou o bicho. Acabou-se, de manhã iria ver o que era.

Os ouvintes estavam suspensos de curiosidade:

– Que bicho era?

– Esperem, isto não vai de varada... O moço deitou-se e, dali a bocado, começou a ouvir uma zaralhada e um restolhaço ao de riba do telhado, a modos do cacarejar de milhentas galinhas chocas. “Que barzabum vem a ser isto?” – disse o padre, a tremer.

– Ui, ti Manel! Eu morria com o medo – disse uma seroeira.

– Tam'em o medo estava co ele na cama e mal lá cabiam os dois... Pôs-se a cogitar se seriam ladrões, apesar do que tinha acontecido. A cacarejada continuava e parecia que as telhas eram removidas e arreboladas p'ra longe. Levantou-se a tremer e carregou a cachiférrea; pôs-se à coca e a dizer, lá p'ra ele, “que eram ladrões que o vinham roubar”. Não queria dar crédito a feitiçarias mas tudo aquilo lhe fazia arrepiar os cabelos... Vai nisto, pelos buracos da telha, veio uma voz esganiçada: – “Matáste-la, ladrão!? Agora vai enterrá-la! O que te vale é ela ser das de fora, da Índia! Senão... seria hoje a tua última hora; mas não as perdes...”

– Ui, que medo!

– Taré! Alinho!

Marrucho regalava-se de ver as mulheres transidas; tomou um sorvo de rapé e continuou:

– Vocês são umas medricas! O que vos sei dizer é que o Caramalho ficou sem pinta de sangue e convencido de que havia feiticeiras. Começou a rezar, a encomendar-se ao Anjo Custódio e a todos os santos da corté do Céu; mas naquela noite não pregou olho, a cismar no que havia acontecido. Não lhe saía dos ouvidos a voz ameaçadora da feiticeira: – “Vai enterrá-la”!... “Não as perdes”! Mal luziu o dia foi ao sítio do tiro ver o que por lá estava: nem ponta de nada! Logo calculou que as companheiras tinham ido fazer o enterro da índia lá p'ràs areias-gordas. Voltou p'ra casa mas nunca foi o home que era: começou a definhar, a sentir-se mal e deixou de comer e de estudar. Sentia nos gorgomilos uma maçã entalada, e ao fim de pouco tempo morreu hético, assombrado pelo susto.

– Coitado do padre! – disseram.

– Óh que malditas!

– O mal foi ele dar o tiro, foi um tiro que o matou a ele! Na

noite do enterro, as belincheiras armaram baile na eira dos Caramalhos. Os moços que vinham do serão, horas mortas da noite, viram o saraqité e foram espreitar por detrás das paredes. Eram tantas que nem se podiam contar; dançavam em repiolo, iam ao ar e tornavam à eira numa sarabanda de mil diabos... E cantavam... Ora deixa ver se me alembra...

E começou a trautear:

Ó de rebimba o malho,

Cheira a alho

Na eira do Caramalho.

Outra era assim:

Querias ser padre?

Querias ser frade?

Não matasses a companheira

Que era bailadeira.

E o saraqité sempre a correr, como vento de repiolo. As cantigas eram muitas mas só sei mais esta:

Dançámos na eira

À tua beira;

Dança agora tu

O saracú...

Mas as zoinas toscaram os seroeiros espreitadores e impeceram-nos; viram-se às aranhas para darem com as moradas... Uns foram dar ao rio, outros foram dar à praia, cercados de feiticeiras a dançarilhar e a entoar cantilenas. Embaralharam-lhes as ideias e perderam o norte. Uma delas, a comandante, ia-os prevenindo. – “Não se diz nada! O que abrir bico, acontece-lhe como ao Caramalho: vai p'rà cova...”

– Santo Nome de Deus! Que 'scomungadas!

Marrucho concluiu:

– Mas um dia, um linguarudo contou tudo e disse o nome de algumas que conheceu. Pois, meninas, pouco tempo depois morria de “morte morrida”...

As raparigas estavam transidas de medo e o aldrabeiro ria-se, à socapa...

Que mentideiro, aquele Marrucho!...

BEL VIANA LANÇA CD DE MÚSICA INTITULADO “É TEMPO”

Bel Viana, filha de Manuel de Faria Viana e Olinda Laranjeira Gomes, natural de S. Paio de Antas, acaba de lançar um disco intitulado “É Tempo”. O CD é composto por 13 canções originais, 10 em Português, 2 em Inglês e 1 em Espanhol. Todas as letras são da sua autoria, com excepção do poema “Não te não”, de Almeida Garrett. Bel Viana também é a autora de todas as músicas, com excepção de “Hoje posso tudo”, de Artur Guimarães, e “Corrente da Terra Mãe”, em que é co-autora com José Afonso.

O disco não tem um estilo musical único, sendo, por isso, difícil de caracterizar. Tem baladas, músicas pop, pop rock, pop jazz, rock, reggae, etc. A promoção do disco já começou, estando neste momento a passar em várias rádios. A primeira apresentação ao vivo ocorreu no passado dia 28 de Abril, no Deep Club, em Vila Real. A FNAC portuguesa já propôs o seu apoio ao disco, o que, a acontecer, propiciará a sua apresentação em vários cafés concerto e show cases da multinacional francesa. Também já estão em fase de agendamento algumas apresentações em programas de televisão, especialmente durante a manhã e início da tarde. O disco já se encontra à venda em várias lojas de música, nos hipermercados Modelo, Continente e nas lojas Worten, etc. e, em S. Paio, no café Faria e no Café Sá.

Recorde-se que Bel Viana foi a vencedora do Campeonato Nacional de Karaoke em 2005 e conquistou o 3.º lugar no Campeonato do Mundo de Karaoke, que se realizou na Finlândia, no ano passado, e já participou em vários programas de televisão, juntamente com a sua irmã gémea, Ema Viana, como o Chuva de Estrelas (1993), a Selecção Nacional (1995), a Selecção de Esperanças (1995), Todos ao Palco (1996), entre outros. Também integrou, em 2003, o elenco do musical Scents of Light, no Teatro Rivoli, no Porto, representando a personagem Sara Levi e interpretando, a solo, as músicas Mariage in Stalag III e Hope, letra de Pedro Costa e música de Artur Guimarães. Ainda integrou o Coro e Orquestra, como Soprano, no musical Fame, em 2005, no Coliseu do Porto, e em 2006, no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, no Europarque, em Santa Maria da Feira, e na Casa das Artes, na Figueira da Foz.

Nos últimos anos, sem nunca ter esmorecido a sua veia artística, tem-se dedicado mais à sua formação universitária e académica, tendo feito a licenciatura em Professores do Ensino Básico, Variante de Educação Musical (1999-2003) e a Profissionalização em Serviço (2000-2001), em Bragança, e está actualmente a frequentar o curso de Teatro e Artes Performativas, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real.

A edição do disco “É Tempo” de Bel Viana vem demonstrar que nunca é tarde para se deixar de sonhar e que devem ser os sonhos a comandar a vida de cada um de nós. Esperemos que todo o esforço desenvolvido nos últimos tempos tenham a recompensa desejada e que a Bel possa continuar a fazer aquilo que mais gosta, cantar, deixando, como costuma dizer, a todos nós um pedacinho de si através da sua arte e da sua voz.



RAFAEL ABREU APURA-SE PARA A TAÇA DO MUNDO

Rafael Fernandes Abreu, filho de Manuel Martins de Abreu e de Maria Amândia de Sá Fernandes Abreu, residente no Lugar de Guilheta, S. Paio de Antas, atleta de canoagem da Rio Neiva-Associação de Defesa do Ambiente, conquistou o 1.º lugar em Júnior, em K1, na Primeira Selectiva Nacional de Maratonas, em 1 hora e 32 minutos, e ficou em 2.º lugar, em K2, nas provas realizadas nos dias 6 e 7 de Maio, respectivamente, em Vila Nova da Barquinha.

Esta prova tinha como objectivo seleccionar os melhores atletas nacionais para representar Portugal na Taça do Mundo desta especialidade, que se realizará nos próximos dias 10 e 11 de Junho em Zamora, Espanha. Por isso, Rafael Abreu irá representar Portugal em K1 nesta modalidade (maratona), tornando-se, deste modo, atleta de alta competição e um orgulho para todos os seus amigos e conterrâneos.

